**TEMPORADA**

**2024**

**Filarmônica, de Minas e do mundo**

**FILARMÔNICA DE MINAS GERAIS APRESENTA A ÓPERA NO BRASIL**

**EM CONCERTO DA SÉRIE “FORA DE SÉRIE”**

*Orquestra apresenta obras de Nunes Garcia, Nepomuceno, Mignone,*

*Carlos Gomes e João Guilherme Ripper*

Desde o período colonial, a popularidade da ópera se mostrou irresistível aos compositores brasileiros. Na **série “Fora de Série”** do dia **14 de setembro**, às **18h**, na **Sala Minas Gerais**, a **Filarmônica de Minas Gerais** revisita alguns dos trechos mais emblemáticos do repertório lírico da **Ópera no Brasil**. De **Nunes Garcia**, passando por **Nepomuceno**, **Mignone** e **Carlos Gomes**,à obra recém-composta por **João Guilherme Ripper**, a variedade de estilos, influências e identidades serão reveladas pela Orquestra, sob a regência do maestro **Fabio Mechetti**, Diretor Artístico e Regente Titular da Filarmônica de Minas Gerais. Os ingressos estão à venda no site [www.filarmonica.art.br](http://www.filarmonica.art.br) e na bilheteria da Sala, a partir de R$ 39,60 (inteira).

Este projeto é apresentado pelo Ministério da Cultura e Governo de Minas Gerais, com patrocínio da Porto Seguro e da Prodemge,por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura. Apoio: Circuito Liberdade e Programa Amigos da Filarmônica. Realização: Instituto Cultural Filarmônica, Secretaria Estadual de Cultura e Turismo de MG, Governo de Minas Gerais, Ministério da Cultura e Governo Federal.

**Maestro Fabio Mechetti, Diretor Artístico e Regente titular**

Desde 2008, Fabio Mechetti é Diretor Artístico e Regente Titular da Orquestra Filarmônica de Minas Gerais, sendo responsável pela implementação de um dos projetos mais bem-sucedidos no cenário musical brasileiro.

Ao ser convidado, em 2014, para o cargo de Regente Principal da Orquestra Filarmônica da Malásia, Fabio Mechetti tornou-se o primeiro regente brasileiro a ser titular de uma orquestra asiática. Depois de quatorze anos à frente da Orquestra Sinfônica de Jacksonville, Estados Unidos, atualmente é seu Regente Titular Emérito. Foi também Regente Titular da Sinfônica de Syracuse e da Sinfônica de Spokane.

Foi regente associado de Mstislav Rostropovich na Orquestra Sinfônica Nacional de Washington e com ela dirigiu concertos no Kennedy Center e no Capitólio norte-americano. Da Orquestra Sinfônica de San Diego, foi Regente Residente.

Fez sua estreia no Carnegie Hall de Nova York conduzindo a Orquestra Sinfônica de Nova Jersey e tem dirigido inúmeras orquestras norte-americanas, como as de Seattle, Buffalo, Utah, Rochester, Phoenix, Columbus, entre outras. É convidado frequente dos festivais de verão nos Estados Unidos, entre eles os de Grant Park em Chicago e Chautauqua em Nova York.

Vencedor do Concurso Internacional de Regência Nicolai Malko, na Dinamarca, Mechetti dirige regularmente na Escandinávia, particularmente a Orquestra da Rádio Dinamarquesa e a de Helsingborg, Suécia. Na Finlândia, dirigiu a Filarmônica de Tampere; na Itália, a Orquestra Sinfônica de Roma e a Orquestra do Ateneo em Milão; na Dinamarca, a Filarmônica de Odense; dirigiu a Sinfônica Nacional da Colômbia e estreou no Festival Casals com a Sinfônica de Porto Rico. Na Argentina, conduziu a Filarmônica do Teatro Colón, com a qual se apresentará novamente em 2024.

No Brasil, foi convidado a dirigir a Sinfônica Brasileira, a Estadual de São Paulo, as orquestras de Porto Alegre e Brasília e as municipais de São Paulo e do Rio de Janeiro. Trabalhou com artistas como Alicia de Larrocha, Thomas Hampson, Frederica von Stade, Arnaldo Cohen, Nelson Freire, Emanuel Ax, Gil Shaham, Midori, Evelyn Glennie, Kathleen Battle, entre outros. Fabio Mechetti é Mestre em Composição e em Regência pela Juilliard School de Nova York.

**Repertório**

Navegando entre momentos de maior e menor popularidade, a ópera se consolidou na cena artística brasileira e encontrou na nossa cultura um terreno fértil de temas, histórias e talentos.

Assim como tantos outros costumes, o drama lírico chegou ao Brasil por meio da colonização portuguesa. As primeiras montagens formais de que se têm registro datam do final do século XVII, concentradas principalmente na Bahia e em Pernambuco. Ao longo do século seguinte, com o crescimento das atividades econômicas nas capitanias, começaram a surgir as primeiras casas de ópera nos grandes centros urbanos e a cultura da música de concerto, de modo geral, foi ganhando espaço no Brasil.

Em 1808, com a chegada da família real portuguesa ao Rio de Janeiro, tem início uma nova fase para a ópera no Brasil, na qual o volume de produções ganha imenso fôlego e o país passa a atrair mais artistas de fora, bem como a valorizar a formação dos seus próprios talentos. Os recursos e a presença da corte de D. João certamente foram essenciais para o desenvolvimento de um sistema cultural em torno da arte operística no país ao longo do século XIX, mas é importante reconhecer que o salto quantitativo e qualitativo só ocorreu porque a produção musical na colônia já contava com alicerces bem sedimentados, como mostra a obra que abre o programa de hoje.

Escrita em 1803 (portanto, cinco anos antes da chegada da Coroa), a *Abertura Zemira* enquadra-se no conjunto das aberturas autônomas, ou seja, daquelas composições pensadas como prelúdios orquestrais temáticos, mas que não são necessariamente vinculadas a uma ópera ou oratório que as sucede. A abertura enquanto gênero independente surge a partir da segunda metade do século XVIII, o que confirma a intimidade do padre brasileiro José Maurício Nunes Garcia, autor da *Abertura Zemira*, com a música de concerto praticada na Europa em sua época.

O apogeu da ópera no Brasil acontece algumas décadas mais tarde, já após a Independência, nos tempos do Segundo Império. Por volta de 1850, a elite instalada às margens da Guanabara vivia um verdadeiro frenesi operístico, uma vez que o teor das montagens condizia com o estilo de vida festivo e luxuoso que começava a tomar conta dos salões, clubes e cassinos. É nesse contexto que emerge o talento daquele que viria a se tornar o nosso maior operista: Antônio Carlos Gomes.

Graças ao sucesso de suas duas primeiras óperas no Rio de Janeiro, *A noite do castelo* (1861) e *Joana de Flandres* (1863), o próprio imperador D. Pedro II concedeu ao jovem Carlos Gomes uma generosa bolsa de estudos em Milão. Na Itália, o compositor aperfeiçoou-se na linguagem melodramática que tanto lhe era cara e desempenhou um papel importante, ainda que pouco reconhecido internacionalmente, na passagem do Romantismo para o Verismo no contexto lírico pós-Verdi.

Sua carreira foi alçada ao estrelato com a estreia de *O Guarani* (ou *Il Guarany*, no original em italiano) no Teatro alla Scala de Milão, em 19 de março de 1870. A adaptação dramática do romance indianista de José de Alencar foi um triunfo espetacular, repercutindo em toda a Europa e também no Brasil, onde Carlos Gomes era tido como herói. Sem dúvidas, o trecho mais conhecido de *O Guarani* é a Protofonia, uma peça de impressionante força dramática que se incorporou em definitivo ao imaginário nacional ao ser escolhida como tema do programa *Hora do Brasil*. Também de Carlos Gomes, apresentamos a Sinfonia de *Salvator Rosa*, outra produção de imenso sucesso que sedimentou seu *status* na disputada cena operística italiana.

Depois do furor vivido na segunda metade do século XIX, a ópera nunca mais alcançou tamanha adesão entre as plateias brasileiras. De fato, ao longo de todo o século XX, a produção nacional acompanhou, talvez de maneira ainda mais vertiginosa, um declínio geral na popularidade dessa expressão artística em todo o globo – mesmo que, cabe salientar, a ópera nunca tenha sumido de fato, nem no Brasil, nem em outros países.

Próximo à virada dos anos 1900, surgiram casas que, ainda hoje, constam entre os mais emblemáticos palcos do país, como o Teatro Amazonas (inaugurado em 1896) e o Theatro Municipal do Rio de Janeiro (inaugurado em 1909). Também nesse período, acompanhando tendências vigentes na composição orquestral, a ópera brasileira busca um caráter mais nacionalista, tanto em suas inspirações quanto em suas sonoridades. Criada por Alberto Nepomuceno, *O Garatuja: Prelúdio* é o trecho inicial de uma ópera que nunca se concretizou por completo, mas, ainda assim, é capaz de evocar uma ambientação tipicamente carioca com o uso de ritmos populares como o maxixe e o lundu.

Proposta similar pode ser observada na *Congada* de Francisco Mignone, um bailado inspirado nos ritos de coroação dessa manifestação religiosa e cultural afro-brasileira. Estreada de forma independente em 1922, a peça contou com recepção calorosa e imediata do público, e depois foi integrada ao Ato II de *O contratador de diamantes*, ópera passada no período da exploração do ouro em Minas Gerais pela Coroa Portuguesa.

Hoje, a ópera brasileira segue firme e forte, com montagens regulares em diversas capitais, importantes festivais e músicos comprometidos em manter acesa a chama do drama lírico em nossos palcos. Como prova disso, completa o nosso programa a *Abertura Cartagena*, obra novíssima de nosso parceiro João Guilherme Ripper, estreada em dezembro do ano passado, mostrando que o cenário da ópera no Brasil anda repleto de expressividade e vigor criativo.

**Programa**

**Filarmônica de Minas Gerais**

**Fora de Série – Ópera no Brasil**

**14 de setembro – 18h**

**Sala Minas Gerais**

Fabio Mechetti, regente

**NUNES GARCIA**  *Abertura Zemira*

**NEPOMUCENO** O *Garatuja: Prelúdio*

**MIGNONE** *O contratador de diamantes: Congada*

**J. G. RIPPER** *Abertura Cartagena*

**CARLOS GOMES** *Salvator Rosa: Sinfonia (Abertura)*

**CARLOS GOMES** *O Guarani: Protofonia*

INGRESSOS:

R$ 39,60 (Mezanino), R$ 50 (Coro), R$ 50 (Terraço), R$ 72 (Balcão Palco), R$ 92 (Balcão Lateral), R$ 124 (Plateia Central), R$ 160 (Balcão Principal) e R$ 180 (Camarote).

Ingressos para Coro e Terraço serão comercializados somente após a venda dos demais setores.

Meia-entrada para estudantes, maiores de 60 anos, jovens de baixa renda e pessoas com deficiência, de acordo com a legislação.

Informações: (31) 3219-9000 ou [www.filarmonica.art.br](http://www.filarmonica.art.br)

Bilheteria da Sala Minas Gerais

Horário de funcionamento

Dias sem concerto:

3ª a 6ª — 12h a 20h

Sábado — 12h a 18h

Em dias de concerto, o horário da bilheteria é diferente:

— 12h a 22h — quando o concerto é durante a semana

— 12h a 20h — quando o concerto é no sábado

— 09h a 13h — quando o concerto é no domingo

São aceitos:

* Cartões das bandeiras Elo, Mastercard e Visa
* Pix

INGRESSOS:

R$ 39,60 (Mezanino), R$ 50 (Coro), R$ 50 (Terraço), R$ 72 (Balcão Palco), R$ 92 (Balcão Lateral), R$ 124 (Plateia Central), R$ 160 (Balcão Principal) e R$ 180 (Camarote).

Ingressos para Coro e Terraço serão comercializados somente após a venda dos demais setores.

Meia-entrada para estudantes, maiores de 60 anos, jovens de baixa renda e pessoas com deficiência, de acordo com a legislação.

Informações: (31) 3219-9000 ou [www.filarmonica.art.br](http://www.filarmonica.art.br)

Bilheteria da Sala Minas Gerais

Horário de funcionamento

Dias sem concerto:

3ª a 6ª — 12h a 20h

Sábado — 12h a 18h

Em dias de concerto, o horário da bilheteria é diferente:

— 12h a 22h — quando o concerto é durante a semana

— 12h a 20h — quando o concerto é no sábado

— 09h a 13h — quando o concerto é no domingo

São aceitos:

* Cartões das bandeiras Elo, Mastercard e Visa
* Pix

**ORQUESTRA FILARMÔNICA DE MINAS GERAIS**

A Orquestra Filarmônica de Minas Gerais foi fundada em 2008 e tornou-se referência no Brasil e no mundo por sua excelência artística e vigorosa programação.

Conduzida pelo seu Diretor Artístico e Regente Titular, Fabio Mechetti, a Orquestra é composta por 90 músicos de todas as partes do Brasil, Europa, Ásia e das Américas.

O grupo recebeu numerosos menções e prêmios, sendo o mais recente o Prêmio Concerto 2023 na categoria Música Orquestral, por duas apresentações realizadas no Festival de Inverno de Campos do Jordão, SP. A Orquestra já havia recebido o Grande Prêmio da Revista CONCERTO em 2020 e 2015, o Prêmio Carlos Gomes de Melhor Orquestra Brasileira em 2012 e o Prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Artes (APCA) em 2010 como o Melhor Grupo de Música Clássica do Ano.

Suas apresentações regulares acontecem na Sala Minas Gerais, em Belo Horizonte, em cinco séries de assinatura em que são interpretadas grandes obras do repertório sinfônico, com convidados de destaque no cenário da música orquestral. Tendo a aproximação com novos ouvintes como um de seus nortes artísticos, a Orquestra também traz à cidade uma sólida programação gratuita – são os Concertos para a Juventude, Filarmônica na Praça, os Concertos de Câmara e os concertos de encerramento do Festival Tinta Fresca e do Laboratório de Regência. Para as crianças e adolescentes, a Filarmônica dedica os Concertos Didáticos, em que mostra os primeiros passos para apreciar a música de concerto.

A Orquestra possui 18 álbuns gravados e disponíveis nas plataformas de streaming, entre eles quatro que integram o projeto Brasil em Concerto, do selo internacional Naxos junto ao Itamaraty. O álbum *Almeida Prado – obras para piano e orquestra*, com Fabio Mechetti e Sonia Rubinsky, foi indicado ao Grammy Latino 2020.

Ainda em 2020, a Filarmônica inaugurou seu próprio estúdio de TV para a realização de transmissões ao vivo de seus concertos, totalizando hoje mais de 100 concertos transmitidos em seu canal no YouTube, onde se podem encontrar diversos outros conteúdos sobre a orquestra e a música de concerto.

A Filarmônica realiza também diversas apresentações por cidades do interior mineiro e capitais do Brasil, tendo se apresentado também na Argentina e Uruguai. Em celebração ao bicentenário da Independência do Brasil, em 2022, realizou uma turnê a Portugal, apresentando-se nas principais salas de concertos do país nas cidades do Porto, Lisboa e Coimbra, além de um concerto a céu aberto, no Jardim da Torre de Belém, como parte da programação do Festival Lisboa na Rua, promovido pela Prefeitura de Lisboa.

A sede da Filarmônica, a Sala Minas Gerais, foi inaugurada em 2015, sendo uma referência pelo seu projeto arquitetônico e acústico. Considerada uma das principais salas de concertos da América Latina, recebe anualmente um público médio de 100 mil pessoas.

A Filarmônica de Minas Gerais é uma das iniciativas culturais mais bem-sucedidas do país. Juntas, Sala Minas Gerais e Filarmônica vêm transformando a capital mineira em polo da música sinfônica nacional e internacional, com reflexos positivos em outras áreas, como, por exemplo, turismo e relações de comércio internacional.

**Os números da Filarmônica (2008 a julho/2024)**

1.607.631 espectadores

1.279 concertos realizados

1.431 obras interpretadas

127 concertos em turnês estaduais

42 concertos em turnês nacionais

9 concertos em turnê internacional

101 concertos transmitidos ao vivo

606 notas de programa publicadas no site

1 coleção com 3 livros e 1 DVD sobre o universo orquestral

4 exposições itinerantes e multimeios sobre música clássica

18 álbuns lançados e disponíveis nas plataformas de streaming

1 Indicação ao Grammy Latino 2020 (CD *Almeida Prado - Obras para piano e orquestra* – Categoria de Melhor Álbum Clássico)

**—**

**INFORMAÇÕES**

**PARA A IMPRENSA**

**Personal Press**

Polliane Eliziário

[*polliane.eliziario@personalpress.jor.br*](mailto:polliane.eliziario@personalpress.jor.br) *|* (31) 9 9788-3029